

PERFIL DOS ESTUDANTES DE LETRAS VERNÁCULAS E AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NO CURSO

Jeiziane da Silva Oliveira¹
Marinalva Lopes Ribeiro²

OLIVEIRA, J. da S.; RIBEIRO, M. L. Perfil dos estudantes de letras vernáculas e as relações estabelecidas no curso. **EDUCERE** – Revista de Educação, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 108-128. 2022.

RESUMO: A profissão docente se encontra frente à necessidade de diversas superações, a fim de chegar ao objetivo fundamental que é a efetiva aprendizagem dos estudantes. Nesta perspectiva, é fundamental a atenção à diversidade de sujeitos, considerando suas particularidades, trajetórias e desafios. Este trabalho apresenta resultados de um estudo quali-quantitativo que buscou conhecer o perfil dos acadêmicos e compreender os aspectos da relação professor e estudante no contexto universitário. Tivemos como cenário uma universidade pública no interior da Bahia, contando com a participação de 61 acadêmicos do curso de licenciatura em Letras Vernáculas. Utilizamos um questionário com a finalidade de conhecer o perfil dos discentes e suas percepções sobre as relações estabelecidas com o estudo, colegas e professores. A partir das respostas, percebemos que há distância e formalidade na relação entre docentes e discentes. Quanto aos acadêmicos, constatamos que se trata de um grupo que vem mudando a cara do ensino superior, embora sejam os cursos de licenciatura, há algum tempo, frequentados pelas classes menos favorecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Relação professor e estudantes; Juventude universitária; Perfil dos estudantes; Dimensão afetiva.

ACADEMIC PROFILE AND ESTABLISHED RELATIONS ASPECTS IN VERNACULAR LETTERS COURSE

ABSTRACT: The teaching profession is facing the need of overcoming some difficulties in order to acquire its fundamental objective: the effective learning. At this perspective, it is fundamental to pay attention to the diversity of subjects, considering their particularities, trajectories and challenges. Thus, this work presents the results of a quali-quantitative study that sought to know the profile of academics and to comprehend the aspects of the professor and student relationship in the university context. Our sample space has covered 61 academics from Portuguese Vernacular Letters course, in a public university in inland Bahia. It was used a quiz with the goal of knowing the profile of students and their perception about the established relations with the study, colleagues and professors. From the answers, it was noticed distance and formality in the relationship between professors and students. As for the academics, it was verified that it is a group

DOI: [10.25110/educere.v22i1.20228172](https://doi.org/10.25110/educere.v22i1.20228172)

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Av. Transnordestina, s/n, Feira de Santana, Novo Horizonte - BA, CEP: 44036-900. Bolsista CNPq do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária (NEPPU). Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Av. Transnordestina, s/n, Feira de Santana, Novo Horizonte - BA, CEP: 44036-900.
E-mail: jeizi.oliveira@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3410-2094>

² Pós-Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Av. Transnordestina, s/n, Feira de Santana, Novo Horizonte - BA, CEP: 44036-900.

E-mail: marinalva_biodanza@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9197-1341>

that has been changing the University education needs, as far as this undergraduate degree is currently attended by less favored classes.

KEYWORDS: Professor and student relationship; University students; Profile of the students; Affective dimension.

PERFIL DE LOS ESTUDIANTES DE LETRAS VERNÁCULAS Y LAS RELACIONES ESTABLECIDAS EN EL CURSO

RESUMEN: La profesión docente se enfrenta a la necesidad de superar diversos desafíos para alcanzar el objetivo fundamental de un aprendizaje eficaz de los estudiantes. En esta perspectiva, es fundamental prestar atención a la diversidad de temas, considerando sus particularidades, trayectorias y desafíos. Este trabajo presenta los resultados de un estudio cualitativo y cuantitativo que buscó conocer el perfil académico y comprender aspectos de la relación profesor y alumno en el contexto universitario. Tuvimos como escenario una universidad pública del interior de Bahía, con la participación de 61 académicos de la carrera de Letras Vernáculas. Utilizamos un cuestionario con el fin de conocer el perfil de los estudiantes y sus percepciones sobre las relaciones que se establecen con el estudio, compañeros y profesores. A partir de las respuestas, nos damos cuenta de que hay distanciamiento y formalidad en la relación entre profesores y alumnos. En cuanto a los académicos, encontramos que es un colectivo que ha ido cambiando la cara de la educación superior, aunque hace tiempo que son cursos de pregrado, atendidos por las clases menos favorecidas.

PALABRAS CLAVE: Relación profesor y alumno; Juventud universitaria; Perfil del alumno; Dimensión afectiva.

INTRODUÇÃO

Atualmente, mesmo diante das limitações, a universidade pública inclui uma maior parcela da população brasileira e uma maior heterogeneidade social. Há uma diversidade de sujeitos que se torna cada vez mais marcante nesse ambiente. São indivíduos de condições sociais, étnicas, locais e econômicas, que eram tradicionalmente excluídos desse nível de ensino (CORROCHANO, 2013).

Nessa perspectiva, Dayrell (2003) diz que para a construção da noção de juventude sob o ponto de vista da diversidade, é necessário considerá-la como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que marca a vida de cada um e que adquire contornos específicos através do contexto social, das experiências dos indivíduos e da qualidade das trocas estabelecidas. Sendo assim, a juventude apresenta especificidades e os jovens constroem seus jeitos de viver, o que significa que não há um único modo de ser jovem nas camadas populares. Na mesma linha de pensamento, Balzan (2015) analisa o perfil do universitário e acrescenta que não existe “o estudante universitário”, mas uma grande multiplicidade de universitários.

Esses estudantes adentram em uma nova realidade ao ingressar na vida acadêmica e precisam se adaptar a ela, o que envolve, entre outros fatores, segundo Teixeira et al.

(2008), as exigências burocráticas e acadêmicas, mudanças de comportamento, aumento de responsabilidades, desenvolvimento de atitudes mais autônomas, adaptação ao curso, sentimento de pertencimento à universidade, estabelecimento de vínculos com professores e colegas, envolvimento em atividades não obrigatórias, enfrentamento de frustrações, dentre outros desafios. Além disso, os universitários percebem a competência, o desempenho em sala de aula e a capacidade de ensinar do docente, como aspectos que contribuem para que eles gostem do curso e nele se engajem, envolvendo-se nas atividades propostas por ele.

A postura do professor pode ter um impacto positivo na vida do estudante, pois favorece a autoestima, criando condições para que ele se empenhe em busca de melhores resultados no seu processo formativo. Todavia, segundo Souza (2016), quando a relação não ocorre de forma positiva pode gerar insucesso acadêmico, menor compreensão dos conteúdos, sentimento de exclusão, além de que o estudante pode não gostar do seu professor, ocasionando uma relação conflituosa.

Ainda nessa perspectiva, atitudes agressivas e repressivas dificultam as relações educativas. Em sentido semelhante, o autoritarismo, a ironia, a ridicularização e a humilhação dos estudantes caracterizam fatores passíveis de comprometer a aprendizagem dos indivíduos (RIBEIRO; JUTRAS; LOUIS, 2005; RIBEIRO, 2010). Além disso, as situações em que os docentes não apresentam estratégias didáticas que instigam os estudantes a construir suas aprendizagens também podem contribuir para o comprometimento do processo (MOTA, 2017).

Perante isso, o professor universitário se encontra diante da necessária reflexão sobre sua prática e do favorecimento de possibilidades de estabelecer uma boa convivência com os acadêmicos, com a finalidade de lhes estimular a consciência crítica e a reflexão, de forma que eles vejam possibilidades de atuação no sentido de transformar a realidade em que vivem e fazendo com que eles se sintam, ao menos, acolhidos diante dos novos desafios. E nesse contexto, a relação entre os sujeitos surge como um fator primordial e facilitador da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, o texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa que teve como objetivo: conhecer o perfil dos estudantes do curso de Letras Vernáculas de uma universidade pública do interior da Bahia e suas percepções acerca das relações com os estudos, com os docentes e com os colegas. Após as considerações introdutórias, o texto exhibe a metodologia da pesquisa, em seguida apresenta e discute os resultados de um

questionário aplicado a estudantes dessa universidade e, por fim, traz para a cena algumas considerações finais.

METODOLOGIA

Realizamos uma investigação quali-quantitativa, a qual, pela ótica de Santos et al. (2017) produz dados mutuamente complementares, favorecendo uma interpretação mais abrangente do fenômeno investigado, além de visar o pluralismo paradigmático.

Caracterizando os sujeitos do nosso estudo, elegemos graduandos do Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas de uma universidade pública do interior da Bahia. Foram convidados a participar todos os discentes do primeiro, do sexto e do oitavo semestre. Destes, 61 acadêmicos aceitaram participar, sendo 14 discentes do primeiro semestre, 18 discentes do sexto semestre e 29 discentes do oitavo. Escolhemos o curso de Letras por se tratar de um curso de formação de professores que atuarão nos diversos níveis da escola básica, formando outros educandos. Assim, os graduandos estão adquirindo conhecimentos que servirão de base para sua prática profissional.

Pensando na garantia de realização do estudo dentro dos padrões éticos de pesquisas realizadas com seres humanos, nosso trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, obtendo parecer do CEP de número 3.413.070. Os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE - sendo informados, em linguagem acessível, sobre a pesquisa, os possíveis riscos, benefícios e procedimentos que seriam realizados.

Utilizamos um questionário sociodemográfico, o qual foi composto por 42 questões, como instrumento de coleta de dados, sendo direcionado aos estudantes das três turmas citadas que se dispuseram a colaborar com o estudo. O instrumento era composto por duas partes e foi aplicado nos intervalos das aulas, ocupando cerca de 10 a 30 minutos do tempo dos estudantes, no campus universitário.

As questões (fechadas) permitiam a seleção de apenas uma alternativa em um conjunto de opções predefinidas. Nas perguntas que envolviam frequência, as opções disponíveis eram: “sempre”, “às vezes”, “raramente”, “nunca”. Na primeira parte, foram feitas perguntas relacionadas a aspectos pessoais como idade, estado civil, número de filhos, identificação étnica, renda, rede de ensino na qual cursou a educação básica, entre outras. Também questionamos a frequência com que os graduandos realizavam atividades sociais, de leitura, passeios culturais, viagens. Além disso, investigamos pontos referentes aos estudos, tais como estudo individual, formação de grupos, locais para estudo e

realização de trabalhos acadêmicos, existência/ausência de rotina e utilização de estratégias de estudo, bem como algumas características da relação estabelecida com os colegas.

Na segunda parte, o enfoque foi a compreensão dos universitários acerca da relação com os docentes, abrangendo questões que versavam sobre conversas com os mesmos, presença/ausência de conflitos, atendimento individualizado para sanar dúvidas, percepção acerca da possível ocorrência de situações que denotavam discriminação, assédio por parte dos professores, igualdade/desigualdade na forma como estes tratam os discentes.

De acordo com Gil (2008), o questionário se compõe em um conjunto de questões com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores e comportamento presente ou passado etc. Neste sentido, usamos o questionário para conhecer as características gerais dos estudantes e a representação que eles trazem sobre a relação professor e estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito à idade dos 61 estudantes, constatamos que a maior parte tem entre 21 e 24 anos e pertence ao sexo feminino, tal como verificado no estudo de Picanço (2016), o qual traz informações que revelam a maioria feminina em levantamentos comparados nos anos de 1993 e 2011, e Ribeiro e Alves (2018) que focalizam o relatório de pesquisas do FONAPRACE, órgão vinculado à Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), o qual mostrou que no ano de 1996 havia mais mulheres que homens matriculados nas Instituições Federais de Ensino Superior – IFES - brasileiras, sendo confirmado tal quadro nos estudos dos anos de 2014 e 2015. Além disso, segundo Knoener (2019), dados de 2017 do INEP apontaram que 70,6% dos matriculados no ensino superior eram do sexo feminino. Isto vem comprovar que a profissão de professor ainda é uma profissão feminina, de encontro às palavras de Louro (1997), quando refere que, acompanhando a intensificação do processo de urbanização na segunda metade do século XX, houve um aumento na entrada de mulheres nas salas de aula, tanto como alunas, quanto professoras.

Para Gatti et al. (2019), a expansão dos cursos normais ao longo do século passado também contribuiu para a vantagem de gênero. Complementando, Lusa e Ferreira (2009 apud ARAÚJO; CUNHA, 2013) inferem que, a aceitação da presença feminina teria

relação com o papel que elas exercem no lar. Entretanto, a partir da produção e sustentação cultural, acabam surgindo os estereótipos sociais, os quais influenciam a baixa entrada de candidatos do sexo masculino no curso de Letras, sobretudo quando os elementos culturais ainda reproduzem comportamentos tradicionais de gêneros (OLIVEIRA, 2016). No mais, as mulheres seguem ocupando um espaço cada vez maior dentro das instituições de ensino superior.

Percebemos que o maior número de licenciandos são católicos ou não possuem religião e não possuem filhos. Além disso são solteiros, residem com pais e familiares, em casa própria, de parentes ou alugada, em semelhança à pesquisa de Daboín e Ribeiro (2019) em um curso de Pedagogia, cujos discentes eram, em maioria, solteiros, morando em companhia de familiares ou amigos, o que, na concepção das autoras, pode sugerir que os sujeitos não dispunham de independência econômica ou emocional para residirem sozinhos em tal momento de suas vidas.

Os discentes são prevalentemente oriundos de escolas públicas, em consonância aos acadêmicos pesquisados por Daboín e Ribeiro (2019), o que nos permite reforçar o avanço no acesso, apesar dos grandes desafios atrelados. No trabalho de Ribeiro e Alves (2018), os anos de 2014/2015 sinalizam significativa transformação quanto ao estudante das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES - em termos de trajetória escolar, com jovens vindos de escolas públicas.

Igualmente, tendo como subsídio o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) realizado em 2014, Gatti et al. (2019), buscando conhecer o perfil dos estudantes de licenciatura, também notaram um aumento considerável no número de alunos oriundos de escola pública.

Continuando a análise do questionário, vimos que a maior parcela dos discentes de nossa pesquisa se autodeclara pretos e pardos. A pesquisa de Picanço (2016) traz uma mudança que chama atenção para a cor dos estudantes: os pardos passaram de 16,1%, em 1993, para 31,3%, em 2011; os pretos que somavam 2,1%, passaram para 5,8%, e na recomposição da presença das cores, os brancos sofreram redução, passando de 80% para 61,8%. E ainda, segundo Gatti et al. (2019), no período entre 2005 e 2014, com base nas respostas obtidas através do Enade, a representação dos brancos também sofreu redução em comparação ao aumento da presença dos negros. Em confluência, em 2019 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados que retrataram a quantidade de estudantes universitários da rede pública de ensino, sendo que, pela primeira vez, o

número de pretos e pardos havia superado o número de brancos (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

Prevaleceu nas respostas a renda familiar de até 2 salários mínimos, o que atesta os trabalhos que mostram a atualidade das universidades públicas do país, as quais têm atendido uma população que estava fora do ensino superior, tendo em vista que era um espaço privilegiado para as elites brasileiras (DABOÍN; RIBEIRO, 2019; MOTA, 2017; RIBEIRO; ALVES, 2018; SILVA, 2009).

Neste sentido, até a década de 1970, o meio universitário brasileiro tinha composição quase exclusiva de jovens da elite. A industrialização e a globalização da década de 1990 culminaram em mudanças iniciais no perfil estudantil das universidades (PEREIRA, 2019). No entanto, Ribeiro e Alves (2018) observam que ainda assim, na década de 1990, a maioria deles vinha de níveis socioeconômicos elevados. Já os anos de 2014 e 2015 permitem que se note uma evolução da proporção dos estudantes sem renda ou com renda de até 3 salários mínimos dentro das instituições de ensino superior.

Na democratização do ensino, a expansão do acesso à educação e a inserção de jovens de classes populares no ensino superior dialoga com as políticas de ações afirmativas (PICANÇO, 2016), embora haja muitos desafios relacionados a questões de acesso e permanência. Dessa forma, apesar de tudo, a composição e as características dos discentes vem mudando e contando com uma maior presença de estudantes negros e de menor renda familiar. Para Bourdieu (1998), os mecanismos de eliminação que agem sobre a carreira escolar, expressam os seus efeitos de forma mais clara no nível superior de ensino. Reflete-se nesse contexto uma seleção que pesa sobre os sujeitos de acordo com sua classe social, raça, gênero, etc. e nas palavras de Queiroz (2004), aos negros parece estar reservado os cursos de menor visão social, tais como os que formam professores.

De acordo com Gatti et al. (2019), antes mesmo dos resultados da Lei de Cotas as licenciaturas já revelavam a presença de estudantes das camadas populares. A partir de análises de obras e ideias de Paulo Freire, é possível perceber que a formação em nível superior atua como instrumento na luta em favor da emancipação popular (BEISIEGEL, 2018), o que se confirma nos estudos de CÔCO et al. (2013), ao afirmarem que a aprovação nos processos seletivos impulsiona os estudantes, de forma que eles adquirem perspectivas de um futuro melhor para si e para os seus, com a conclusão da graduação.

Zago (2006) ressalta que estes estudantes veem no curso superior uma oportunidade de aumentar suas chances no mercado de trabalho, embora muitas vezes, a situação social, econômica e cultural da família acabe guiando os indivíduos para cursos menos concorridos, limitando-os ou privando-os da verdadeira escolha, levando-os pelo caminho que, aparentemente, apresenta maiores chances de aprovação e de permanência. Nessa lógica, os cursos de licenciatura apresentam concorrências notavelmente mais baixas do que os bacharelados (SANTANA; RIBEIRO, 2019; ARANHA; SOUZA, 2013), o que pode estar ligado a questões de desvalorização social da profissão docente diante das condições de trabalho e salários. Nesse sentido, Daboín e Ribeiro (2019) expressam que os cursos de licenciatura são tratados com menor importância, sem que haja, muitas vezes, a consideração de que a profissão docente é complexa, que exige dedicação e conhecimento cada vez maiores, precisando de um tratamento especial.

Ainda de posse dos questionários, verificamos que os participantes do presente estudo levam cerca de 30 minutos a 2 horas no trajeto entre a residência e a universidade, e os recursos próprios ou familiares mantêm o custo do transporte. Notamos a presença de vários estudantes vindos de outras cidades. Para alguns, as respectivas prefeituras disponibilizam transporte, mas eles precisam lidar com as condições necessárias para o trajeto, dentre as quais está a adaptação a horários, incluindo a necessidade de sair das aulas antes do término. Outros, acabam arcando com os custos de deslocamento. Há ainda, aqueles que se mudaram para o município onde se localiza a universidade, os quais, na maioria das vezes, têm as despesas elevadas, e ainda, os que moram na residência universitária. Constituem, portanto, fatores que dificultam a trajetória acadêmica, até mesmo para os estudantes que moram na residência universitária, pois, de acordo com Dias et al. (2019), morar longe da família pode ser um fator estressante para o acadêmico.

Equitativamente ao que é exposto por Zago (2006), a luta vivenciada por esses graduandos engloba não só a vitória do acesso à universidade, mas também a garantia da sua permanência e a finalização do curso. Na investigação de Côco et al. (2013), muitos indivíduos relatam problemas financeiros (os quais dificultam a manutenção dos estudos) e assumem a condição de estudante trabalhador, que os levam, em muitos casos, a atrasos no tempo de conclusão do curso.

Para se manter na universidade, geralmente os acadêmicos questionados recorrem ao auxílio ou bolsa da Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE). Segundo Santana e Ribeiro (2019), através da PROPAAE, ocorre normatização de programas que promovem assistência aos estudantes, tais como auxílio

permanência, assistência estudantil, bolsa residente, residências universitárias e bolsa alimentação. Adicionalmente destacam estágios remunerados, bolsas de pesquisa\extensão com dedicação de 20 horas semanais ou atividades de vínculo empregatício para auxiliar na permanência nos estudos.

Como visto, muitos entraves no campo material e cultural acompanham a vida desses indivíduos. Corroborando com Almeida (2007), Pereira (2019) e Zago (2016), prevalecem limites acadêmicos, como não participar de eventos científicos dentro ou fora da universidade, nos trabalhos coletivos com os colegas, indisponibilidade de horários para cursar disciplinas devido ao trabalho, desmotivação, dificuldade de socialização, timidez, preocupação, excesso de falta às aulas por demanda de trabalho, estudo nas férias, locomoção da residência para o campus, leitura no ônibus, “não ter vida social” enquanto fazem trabalhos nos fins de semana, entre outros. Em sua dissertação, Mota (2017), em pesquisa com estudantes de Licenciatura em Educação Física da mesma universidade, observa que os estudantes universitários de classes populares, sobretudo de licenciaturas, diversas vezes, buscam subsídios (que permitem a continuidade da sua formação) no mercado de trabalho precarizado, iniciam estágios cada vez mais cedo e sem as condições mínimas necessárias de atuação, com jornadas acima do permitido, comprometendo a carga horária de formação, o rendimento nas disciplinas e a aprendizagem.

Nas questões do questionário relacionadas a entretenimento e lazer, os discentes responderam que sempre interagem na internet, sendo as redes sociais mais utilizadas o Whatsapp e o Instagram; sempre se reúnem com familiares; sempre assistem TV (exceto a turma do oitavo semestre, cuja maioria respondeu a opção “raramente”); às vezes comparecem a shows musicais; raramente frequentam bares e restaurantes; raramente realizam passeios ao ar livre; nunca ou raramente realizam atividades esportivas; raramente ou às vezes visitam museus, galerias de arte, teatro, cinema; realizam viagens de férias (primeiro semestre- sempre, sexto semestre- às vezes, oitavo semestre- raramente\às vezes); e frequentam instituições religiosas (primeiro e oitavo semestres- sempre e sexto semestre- às vezes\nunca).

Tais respostas nos fazem pensar que os estudantes do curso de licenciatura – que forma os docentes da escola básica – pelo fato de não desfrutarem dos bens culturais como cinema, teatro, concerto, dentre outros, podem ter maiores desvantagens do que os estudantes provenientes dos meios mais favorecidos, tanto durante o curso, como ao

concluí-lo, como nos faz pensar Bourdieu (1998). Evidentemente, é a falta de recursos financeiros que os levam a privar-se de cinema, teatro, espetáculos, eventos científicos, aquisição de livros etc. (ZAGO, 2016).

De acordo com Daboín e Ribeiro (2019), o enriquecimento da cultura por parte dos estudantes em formação é de fundamental importância, pois eles atuarão como professores e, como tal, poderão auxiliar e até mesmo influenciar positivamente seus alunos na busca aos bens culturais, com uma formação mais crítica em torno de suas realidades, na possibilidade de atuação na transformação social, formando leitores com amplas visões de mundo. Contudo, notamos que os universitários parecem não participar de muitas atividades de entretenimento, lazer e culturais e o contato com algumas dessas atividades parece se reduzir, na medida em que aumenta o semestre.

Na perspectiva de Soares e Ferreira (2012), o lazer favorece o descanso, o divertimento e a recreação. São atividades necessárias ao desenvolvimento humano e se relacionam à disponibilidade de tempo livre, tendo também relação com a cultura popular, as classes e suas situações econômicas, visto que, ao contrário das elites, a população em desvantagem possui oportunidades reduzidas quanto a sua utilização, fato que coincide com as reflexões de Pierre Bourdieu, em torno do capital econômico e cultural, possibilitando-nos elementos para compreensão das possibilidades de fruição dos estudantes e dos segmentos desfavorecidos da população, marcados pela obrigação de ter de trabalhar para se manter.

Outro aspecto que nos chamou a atenção na resposta dos estudantes foi a auto percepção acerca do “ser estudante”. Os acadêmicos afirmaram que se reconhecem estudantes pelo ingresso na universidade (primeiro semestre) e pela dedicação dirigida aos estudos (sexto e oitavo semestres). No geral, eles preferem estudar sozinhos, se reúnem na biblioteca para preparação de trabalhos acadêmicos em grupo, a maioria possui local reservado para estudar em sua residência, porém muitos apontaram respostas negativas. Sendo assim, por mais que prefiram estudar sozinhos, não há total disponibilidade de local reservado em casa (o que pode ter relação com a renda familiar, tamanho da residência, indisponibilidade de espaço físico), um fator passível de comprometer a relação com os estudos, pois em tais ambientes podem haver agentes dispersantes que dificultam a concentração necessária para estudar.

Nas três turmas pesquisadas, os estudantes informaram (em sua maioria) que às vezes leem livros literários; sempre leem livros acadêmicos; raramente compram livros sugeridos pelos professores; às vezes seguem uma rotina de estudos; sempre utilizam

xerox dos materiais de estudo; às vezes costumam tirar fotos das projeções relacionadas aos conteúdos; fazem anotações sobre as aulas (as turmas do sexto e oitavo - “sempre”, enquanto a turma do primeiro - “às vezes”).

Ao serem questionados quanto à forma de proceder ao estudo para provas, a maioria respondeu que estuda “na véspera” e alguns responderam que não conseguem ou não costumam estudar. Carvalho e Montenegro (2012) realizaram uma pesquisa com concluintes do curso de Letras e deduziram que parecia não haver rotina geral para estudar, pois para os autores, os hábitos de estudo sugeriam limitações quanto à disciplina, além de que os estudantes não tinham hábitos de estudo em grupo, salvo por exigência da disciplina. Todavia, apesar da semelhança com relação à preferência pelo estudo individual, supomos que na nossa situação, o envolvimento com as diversas atividades de apoio financeiro possa reduzir o tempo disponível para as demandas curriculares, tal como foi observado por Mota (2017).

No que se refere à relação com os colegas, os discentes destacaram que possuem grupos específicos formados para os trabalhos acadêmicos, porém no sexto semestre surgiram respostas negativas quanto a esses grupos. Os graduandos declararam que não costumam se reunir com colegas universitários para desenvolver atividades recreativas, de dança, teatro, produção musical, religiosas nem esportivas. Às vezes ou raramente desenvolvem atividades de produção cultural, sempre se reúnem para trocar ideias e às vezes ou raramente para ouvir músicas.

No tocante ao exposto anteriormente, o estudante universitário necessita realizar trabalhos em grupos, pois a interação com os colegas tem fundamental importância para formação de afinidades no sentido de compartilhar interesses, opiniões, expectativas, desafios, tornando mais fácil o processo de adaptação e cooperação ao longo do curso. Por passarem muito tempo na universidade, (principalmente aqueles que moram longe da família), a realização de atividades externas à sala de aula em companhia dos colegas auxilia a amenizar as tensões da vida acadêmica e formar pontes de solidariedade e afeto. Na pesquisa de Santos, Oliveira e Dias (2015) os participantes expressaram que o desempenho nas disciplinas é facilitado quando há estudo em grupo, discussões e debates de conteúdos, compartilhamento de materiais e auxílio daqueles colegas que compreendem melhor o assunto.

No que diz respeito à relação com os professores, através das respostas dos licenciandos, supomos que não há muita proximidade (ou ocorre de modo formal), ao

revelarem (em maioria) que não costumam tratar de assuntos externos e que raramente buscam atendimento individualizado junto aos docentes. Esta é uma situação inquietante, pois, de acordo com Leão (2019), na sala de aula passa-se uma parte significativa do dia e esse tempo deve ser aproveitado sem que as dúvidas fiquem para depois, já que as perguntas, geralmente, auxiliam o andamento da aula e o questionamento de um estudante pode ser comum aos colegas. Ademais, segundo Quadros e Mortimer (2016), além de ter espaço e tempo de participação, o estudante deve se sentir à vontade para isso, à medida em que fala, faz perguntas e expõe seus pontos de vista. Na opinião de Torrecilla, Garrido e Castilla (2011), a interação com os professores é fundamental, pois quanto mais tempo se dedicam a perguntas, debates e discussões maior será o efeito positivo no progresso estudantil.

Na percepção dos acadêmicos que responderam ao questionário, raramente o docente considera as dificuldades estudantis no desenvolvimento de metodologias de ensino. Na opinião de Cruz (2017), na docência é necessário domínio do conteúdo específico, mas não basta somente isso. Espera-se que o professor se questione sobre o seu saber acerca do conhecimento (conteúdo), mas, principalmente, sobre a maneira de agir pedagogicamente para que os discentes desenvolvam a compreensão desse conteúdo, visando promover a aprendizagem deles. Com efeito, para Carvalho, Tivane e Barbosa (2016), a aprendizagem deve ter foco no educando, ele deve ser ativo na construção do seu conhecimento. Nesse sentido, a didática que auxilia o docente vai além da elaboração das formas de transmissão e aquisição de conhecimentos, ela se volta para a formação integral do sujeito. De tal modo, o professor mediador necessita repensar sua prática e agir de acordo com a realidade em que se encontram os discentes para interagir com eles e possibilitar que os conteúdos trabalhados façam sentido para tais sujeitos.

Segundo Leal (2005), é importante que o docente analise o contexto geral e local e faça uma reflexão sobre a sua ação educativa naquele meio e, a partir disso, desenvolva uma situação prática formativa, verificando necessidades, prioridades e buscando compreender possibilidades de mudanças rumo a novas técnicas. Faz-se necessário que ele reconheça o imperativo de estudar sobre a temática, mas reconheça que há uma diversidade metodológica que pode ser trabalhada em sala de aula, para que possa acolher as dificuldades do acadêmico e tentar ajudá-lo na superação, lembrando que o planejamento deve atender às necessidades do estudante, reconhecendo aqui seu caráter de flexibilidade e adaptação ao momento. Dessa forma, a atenção dos professores deve ser dividida entre o conteúdo e a percepção das dificuldades do discente. A propósito,

manter uma postura mais voltada para ele pode gerar bons resultados na aprendizagem, na medida em que o valoriza, implementando assim um ambiente mais afetivo (QUADROS; MORTIMER, 2016).

Na sequência do questionário, perguntamos se os universitários identificam professores desmotivados na universidade, prevalecendo a resposta “às vezes”. Araújo, Silva e Franco (2014) inferem que a presença significativa do professor atua (entre outros fatores) como variável responsável pela motivação e desmotivação em aprender. Neste sentido, é importante que o professor esteja motivado para motivar os estudantes, lembrando que a desmotivação geral do acadêmico é capaz de ocasionar descontentamento geral e evasão (SANTOS et al. 2011). O componente afetivo (que inclui a motivação) pode afetar a progressão da aprendizagem de forma positiva. O ambiente de aprendizagem desempenha um importante papel em aumentar a motivação, e quanto mais motivado o estudante estiver, mais ele se comprometerá com o estudo (NASCIMENTO; KOSMINSKY; CAVALCANTI, 2018). Além disso, de acordo com Torrecilla, Garrido e Castilla (2011), o docente com melhores expectativas sobre si mesmo consegue transmitir essas expectativas e a confiança em suas próprias capacidades. Evidentemente, os estudantes em formação observam as posturas dos professores e são influenciados por tais posturas quando se colocam na posição de docentes da escola básica.

Alguns estudantes declararam, nas respostas ao questionário, ter conflitos com setores administrativos, tais como Colegiado do curso, Departamento, Biblioteca e setor de Divisão de Assuntos Acadêmicos (DAA), mas afirmaram que nunca responderam processos administrativos movidos por docentes. Além disso, a maior parte deles respondeu que nunca foram criticados pelos professores por conta da indisciplina. Carvalho, Tivane e Barbosa (2016) destacam que o uso correto da disciplina em sala de aula é benéfico para todos os atores, servindo de apoio para a formação discente, enquanto a presença de indisciplina pode ser utilizada pelo professor como experiência e aprendizagem, embora muitas vezes os casos sejam tratados através de ameaças nas notas e reprovações.

O questionário buscou, também, a opinião dos acadêmicos em torno da ocorrência (ou ausência) de situações de assédio (moral e sexual). As respostas obtidas nos mostram que “nunca” ou “raramente” ocorrem situações de assédio sexual. Quanto ao assédio moral, apesar de a maioria indicar “nunca” ou “raramente”, houve respostas “às vezes” e

“sempre”. São tomadas por empréstimo as reflexões de Knoener (2019), ao salientar que ações características de assédio moral podem ser tênues e envolver circunstâncias que passam despercebidas, principalmente se o autor mantém uma posição hierárquica, sendo que algumas pessoas não reconhecem tais atos como forma de violência. Destarte, é comum acontecer o assédio moral no âmbito educacional e, em muitos casos, as intimidações partem dos docentes sem que haja intenção de atingir o estudante, visto que as palavras firmes e broncas podem revelar a tentativa de atuação na educação dos estudantes, no sentido de estimular seu progresso, porém a postura autoritária e atitudes de coação comprometem o desenvolvimento da autonomia e gera danos emocionais.

No tocante ao assédio moral, os exemplos abundam. Vejamos alguns exemplos tomados de outras pesquisas. A partir de entrevistas com discentes do curso de Engenharia Civil, Souza e Ribeiro (2017) buscaram compreender como se dá a relação entre professores e estudantes na prática educativa na mesma universidade lócus desta pesquisa. Tais autores encontraram excertos que denotam posturas inflexíveis, caracterizadas por falta de diálogo e visão do docente como soberano, visão sustentada por alguns acadêmicos. Os discursos revelaram que muitos docentes atuam de modo constrangedor, pondo em dúvida a capacidade cognitiva estudantil, eventos, que, segundo os autores, envolvem constrangimento e humilhação e podem ser classificados como assédio moral, envolvendo falta de ética profissional e causando sentimentos negativos.

Tais resultados se entrecruzam com os achados de Rios e Schraiber (2012), os quais realizaram um estudo em uma escola médica paulista e concluíram que é comum o ensino centrado no professor, o qual, como detentor do saber, faz transmissão oral frente a posturas passivas e receptoras dos estudantes. As autoras observaram atitudes docentes agressivas e aparente subjugação do discente, na medida em que cada um exercia sua autoridade seguindo suas convicções e tendo, muitas vezes, o “apoio” dos próprios estudantes, talvez por acreditarem na premissa de que o médico deve suportar tudo, em situações em que prevalecia a visão de que o graduando aprenderia sendo repreendido.

Nessa mesma veia de raciocínio, Noro et al. (2015) realizaram uma pesquisa com estudantes de Odontologia no Rio Grande do Norte e comprovaram, a partir de alguns relatos o ensino centrado no professor. Muitas vezes os estudantes acabavam se mostrando passivos e subjugando-se de acordo ao nível de hierarquização arraigado no ensino.

Outro exemplo de posturas autoritárias por parte dos professores do ensino superior é apresentado nos resultados da investigação de Andrade e Leite (2019),

desenvolvida com estudantes do curso de Letras, em Pernambuco. Os relatos mostraram que, entre as posturas que causam mal-estar aos universitários, estão a ameaça, o uso da extrema superioridade e a imposição de medo vindos dos docentes, além de desrespeito ao estudantes, constrangimento e grosserias diante de perguntas feitas por estes, causando sentimentos como: inibição, vergonha, raiva, medo, insegurança e desânimo perante a continuidade dos estudos.

Knoener (2019) encontrou, na perspectiva de graduandos de várias licenciaturas, percepções em torno de implicações de professores para com os discentes, desvalorização e comparação de estudantes com colegas, impedimento de que suas opiniões e experiências fossem expostas, favorecimento de uns em detrimento a outros, ameaças e humilhações. Para Moretti e Hübner (2017) a insegurança, angústia e medo nas relações estabelecidas com professores são citadas com frequência como parte do descontentamento com o modelo de ensino, um fator que favorece a geração de impressões adversas em relação à universidade.

Seguindo com nossos dados do questionário, em suas percepções, os participantes responderam que nunca ou raramente sofreram discriminação por seu gênero; nunca ou raramente sofreram discriminação étnico-racial (porém houve respostas “às vezes” e “sempre”); nunca ou raramente sofreram discriminação pelas suas características socioculturais (porém houve respostas “às vezes” e “sempre”); nunca ou raramente sofreram discriminação física; nunca sofreram discriminação religiosa (mas houve respostas “raramente e “às vezes”); nunca sofreram discriminação por idade (porém houve respostas “raramente”, “às vezes” e “sempre”); nunca sofreram discriminação por seu sotaque ou modo de falar (havendo respostas “às vezes” e “sempre”). Lembrando que foram perguntados se reconheciam a ocorrência de tais situações vindas de docentes.

Quando questionados se percebem que são tratados igualmente perante os colegas, as respostas variaram entre “às vezes” (maioria), “sempre” e “nunca”. Para Souza e Ribeiro (2017), atitudes de desconfiança e favoritismo perceptíveis na postura de alguns docentes podem afetar a relação professor e estudante e influenciar o desenvolvimento acadêmico. Na pesquisa realizada pelas autoras, os estudantes apontaram que, apesar de estarem em ambiente universitário, há professores que praticam discriminação racial ao privilegiar, no processo pedagógico, o estudante branco, de classe média, em comparação ao negro, de classe desfavorecida financeiramente. Tais resultados se entrecruzam com outros estudos. Para Coleta e Miranda (2003), as referidas situações de tratamento

discriminatório e excludente, tratamento diferenciado devido a aparência física, condição financeira e as tantas situações supracitadas, denotam assédio moral e falta de ética. Neste sentido, reforçamos a perspectiva de Paulo Freire (2002), no sentido de que a discriminação fere os princípios da democracia e deve ser rejeitada pelo profissional.

Moretti e Hübner (2017) mencionam a relação professor e estudante como base para a troca de conhecimentos, relevando a necessidade de autorreflexão docente no sentido de alcançar a eficácia na aprendizagem, junto com o aperfeiçoamento constante da didática e a remodelação das formas engessadas. Em diálogo com os autores anteriores, Noro et al. (2015) inferem que, na relação professor e aluno deve ser estabelecido um clima que facilite a aprendizagem, através de determinadas qualidades de comportamento docente, entre elas o apreço ao aluno e a empatia, com abertura e proximidade, considerando os estudantes como participantes do processo de construção do conhecimento e tornando-os sujeitos desse processo. Em Souza (2016), um dos sentidos da afetividade docente, na visão dos participantes da sua pesquisa, se refere a se importar com o outro, estar próximo, ser solidário, ter sensibilidade para notar quando o estudante está diferente, ter percepção das suas dificuldades, auxiliando-o em suas necessidades formativas de ordem profissional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o perfil dos acadêmicos em estudo compreende, em uma maioria, indivíduos do sexo feminino, de famílias da classe trabalhadora, autodeclarados pretos e pardos, que assim como encontrado na literatura, visam sua ascensão através da educação, enfrentam desafios na trajetória dos estudos, possuem pouca disponibilidade para atividades culturais e buscam se manter no ensino superior através de atividades remuneradas, auxílio financeiro familiar ou uma associação entre estes.

Com base nas respostas ao questionário, ficou evidente que os estudantes sentem falta de metodologias que priorizem suas dificuldades. Compreendemos que a prática pedagógica deve ser pautada na consideração do contexto e da realidade da sala de aula, e as estratégias didáticas devem ser repensadas, a fim de motivar os discentes à reflexão, à participação ativa, ao questionamento das verdades estabelecidas, ao desenvolvimento da autonomia e da criticidade, de modo a motivar os estudantes a se engajarem no curso, a realizarem aprendizagens significativas para a sua vida e a transformarem a realidade, caso seja necessário.

Merece registro que, na relação estabelecida com os professores, parece não haver muita proximidade ou ocorre uma interação formal. Nesse sentido, sem deixar de considerar o valor da dimensão cognitiva, reforçamos a importância da dimensão afetiva na relação educativa, visto que o ambiente permeado por acolhimento, empatia, atenção, respeito, compreensão, aceitação e valorização do outro, além do compartilhamento de responsabilidades, possibilita condições para melhores resultados de aprendizagens.

Por fim, destacamos que este estudo foi realizado com apenas uma parcela de estudantes do Curso de Letras. Portanto, não pretendemos fazer generalizações dos resultados. Todavia, as respostas obtidas sugerem a necessidade de uma reflexão em torno da relação entre professores e estudantes por parte dos atores do processo de ensino e aprendizagem, principalmente porque o curso visa a formação de professores que vão atuar na escola básica, onde devem estabelecer relações respeitadas e éticas com crianças, adolescentes e jovens. Assim, sugerimos a realização de novas pesquisas para aprofundar as investigações sobre a temática.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Pela primeira vez, negros são maioria no ensino superior público.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/pela-primeira-vez-negros-sao-maioria-no-ensino-superio-publico?amp>. Acesso em: 16 jul. 2020.

ALMEIDA, W. M. Estudantes em desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Cad. CRH**, v. 20, n. 49, Salvador, jan./abr. 2007.

ANDRADE, A. K. B. B.; LEITE, M. D. B. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem em contexto universitário. **Id online Rev. Mult. Psic.** v. 13, n. 46, p. 58-84, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/1869/2852&ved=2ahUKEwj2PebkcHqAhV3JbkGHTrVDjwQFjALegQIARAB&usg-AOvVaw3ecr7e5T981OiEkG4HXg1m>. Acesso em: 07 jul. 2020.

ARANHA, A. V. S.; SOUZA, J. V. A. As licenciaturas na atualidade: nova crise? **Educ. rev.**, Curitiba, n. 50, p. 69-87, dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602013000400006&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 24 jul. 2020.

ARAÚJO, L. C.; CUNHA, R. C. Os homens na docência e a feminização do magistério. *In*: EDUCERE CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba, **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8593_4730.pdf&ved=2ahUKEwiwyeS0hrzPAhV7LLkGHTckB4oQFjAAegQIAxAB&usg-AOvVaw1IvIgPT_nxW_SGAJNYMFq6. Acesso em: 17 maio 2020.

ARAÚJO, M. V.; SILVA, J. W. B.; FRANCO, E. M. Motivação para o aprendizado em estudantes de graduação em Psicologia. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 185-198, ago. 2014.

BALZAN, N. C. **Conversas com professores do fundamental à pós-graduação**. São Paulo: Cortez, 2015.

BEISIEGEL, C. R. Educação popular e ensino superior em Paulo Freire. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100130. Acesso em: 01 maio 2020.

BORDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à cultura. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

CARVALHO, D. B.; MONTENEGRO, M. E. O perfil dos estudantes do curso de licenciatura em Letras e sua preparação para o exercício da docência. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 47-52, jan./jun. 2012.

CARVALHO, J. W. S.; TIVANE, E. M.; BARBOSA, A. G. A prática docente na educação superior e o desafio da autoridade sem autoritarismo. **Ensino em re-vista**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 109-134, jan./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ER-v23n1a2016-6>.

CÔCO, V. *et al.* Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares. **EccoS Revista Científica**, n. 32, set./dez., 2013, p. 33-50. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71530929003>. Acesso em: 28 abr. 2020.

COLETA, J. A. D.; MIRANDA, H. C. N. O rebaixamento cognitivo, a agressão verbal e outros constrangimentos e humilhações: o assédio moral na educação superior. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: ANPED, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/33531435/O_REBAIXAMENTO_COGNITIVO_A_AGRESSÃO_VERBAL_E_OUTROS_CONSTRANGIMENTOS_E_HUMILHAÇÕES_O_ASSÉDIO_MORAL_NA. Acesso em: 18 maio 2020.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772013000100003&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 07 janeiro 2020.

CRUZ, G. B. Didática e docência no ensino superior. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 98, n. 250, p. 672-689, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.com.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S21176-66812017000300672&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2020.

DABOÍN, M. M. G.; RIBEIRO, M. L. **O perfil dos estudantes ingressantes no curso de Pedagogia**. Nuances: estudos sobre educação, Presidente Prudente, v. 30, n. 1, p. 312-326. mar./dez. 2019. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/6765&ved=2ahUKEwiw6cXu-MDqAhX6GbkGHYXjCN0QFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw2UXUYjhDvZ49JsVs_4fTV. Acesso em: 15 jun. 2020.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. *Rev. Bras. de Educação*, n. 24, p. 40-52, 2003.

DIAS, A. C. G. *et al.* Dificuldades na transição para a universidade. **Rev. bras. orientac. prof.** Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 19-30, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902019000100003&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 jul. 2020.

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GATTI, B. A. *et al.* Quem são os atuais estudantes de licenciatura? In: **Professores do Brasil: Novos cenários de formação.** Brasília: UNESCO, 2019. 351 p.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KNOENER, D. F. **Quando a convivência pede por cuidado: bullying e assédio moral em ambientes universitários.** 2019. 294f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/4894.pdf&ved=2ahUKEwjRmauFIJvrAhUEILkGH8_D_YQFjABegQIBRAJ&usg=AOvVaw2K841z5z5AXkXkGYyLbi9Q. Acesso em: 01 jul. 2020
- LEAL, R. B. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de Educacion**, v. 37, n. 3, p. 1-7, 2005. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2705&ved=2ahUKEwiL4tHpiL7pAhVmlLkGHQ8vDFEQFjABegQIBRAK&usg=AOvVaw3MbSdUCKpmtmsrHCshRtfl>. Acesso em: 18 maio 2020.
- LEÃO, L. M. **Metodologia do estudo e pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores.** Petrópolis: Vozes, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=R92iDwAAQBAJ&pg=PT37&Ipg=PT37&dq=>. Acesso em: 17 maio 2020.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MORETTI, F. A.; HÜBNER, M. M. C. O estresse e a máquina de moer alunos no ensino superior: vamos repensar nossa política educacional? **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 34, n. 105, p. 258-267, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300003&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2020.
- MOTA, C. S. **A influência da relação afetiva entre professores e estudantes do curso de Educação Física da UEFS no processo de formação acadêmica.** 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.
- NASCIMENTO, M. G.; KOSMINSKY, M.; CAVALCANTI, S. S. Desmotivação entre estudantes de Odontologia: uma análise qualitativa. **Rev. ABENO**, v. 18, n. 4, p. 112-119, 2018.
- NORO, L. R. A. *et al.* O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em Odontologia. **Rev. ABENO**, v. 15, n. 1, Londrina, jan./jun. 2015.
- OLIVEIRA, H. F. Indivíduos do sexo masculino no curso de letras: performances discursivas, gênero e profissão docente. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 247, p.552-569, dez. 2016.
- PEREIRA, L. S. O estudante de camadas populares na universidade pública: permanência garantida? **Cadernos de Pedagogia**, v. 12, n. 24, p. 16-29, jan/jun. 2019. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1219>. Acesso em: 17 maio 2020.

PICANÇO, F. Juventude e acesso ao ensino superior no Brasil: onde está o alvo das políticas de ação afirmativa. **Latin American Research Review**, v. 51, n. 1, p. 109-131, 2016. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/303239752_Juventude_e_acesso_ao_ensino_superior_no_Brasil_Onde_esta_o_alvo_das_politicas_de_acao_afirmativa. Acesso em: 27 abr. 2020.

QUADROS, A. L.; MORTIMER, E. F. A atuação de professores de ensino superior: investigando dois professores bem avaliados pelos estudantes. **Quím. Nova**, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 634-640, jun.2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422016000500634&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2020.

QUEIROZ, D. M. O negro e universidade brasileira. **História Actual Online**, n. 3, p. 73-82, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/829437.pdf&ved=2ahUKEwjn9eHAibzpAhUXH7kGHY8qCfgQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw2PXXbeENUD5sevOXzrjRJa>. Acesso em: 17 maio 2020.

RIBEIRO, A. C.; ALVES, M. N. C. Juventudes universitárias populares e educação freireana: reflexões sociológicas. **Quaestio**, Sorocaba, v. 20, n. 2, p. 305-325, 2018. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/327454647_Juventudes_universitarias_populares_e_educacao_freireana. Acesso em: 01 maio 2020.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estud. psicol.** (Campinas), v. 27, n. 3, p. 403-412, jul/set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000300012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 jul. 2020.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F.; LOUIS, R. Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. **Psic. da Educ.** São Paulo, n. 20, p. 31-54, jun. 2005.

RIOS, I. C.; SCHRAIBER, L. B. A relação professor-aluno em medicina – um estudo sobre o encontro pedagógico. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 308-316, set. 2012.

SANTANA, C.C.; RIBEIRO, M. L. O estudante universitário na contemporaneidade: uma análise a partir de uma universidade pública da Bahia. *In*: CIDU CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA, 10., 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. Disponível em: <http://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://editorapucrs.acesolvivre/anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/6.pdf&ved=2ahUKEwjM05TSu7bpAhVYHbkGHaCAANIQFnoECAYQAA&usg=AOvVaw1YLHOevv1rmit1M4B5q07r>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SANTOS, A. A. A. *et al.* A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Revista Semestral da ABPEE**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 283-290, jul. /dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n/v15n2a10&ved=2ahUKEwiTu_jDlr7pAhUBGLkGHS_RCW0QFjADegQIBxAC&usg=AOvVaw0jpuwbc3Dk975dTs2mlBB. Acesso em: 23 jul. 2020.

SANTOS, A. S.; OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 150-163, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-3687201500010001&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2020.

SANTOS, J. L. G. *et al.* Integração entre dados quantitativos e qualitativos em uma pesquisa de métodos mistos. **Texto Contexto Enferm.** v. 26, n. 3, 2017.

SILVA, L. R. **A relação professor-aluno no ensino superior.** 2009. 52f. Monografia (Especialização em Docência do Ensino Superior) - Universidade Cândido Mendes, Brasília, 2009. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/43620.pdf&ved=2ahUKewiQkvnHu8PqAhUtH7kGHdBD7YQFjACegQIBBAB&usg=AOvVaw2DZiJ0Rg8HuvYwtZQ7rYGR. Acesso em: 06 jul. 2020.

SOARES, B. O.; FERREIRA, D. A. Análise das preferências dos jovens universitários do campus da UFPI de Picos-PI, por shows musicais. *In: FIPED FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA*, 4., 2012, Parnaíba. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/2c6902c13d9e4bf8f5fd2539bee1a40d_2834.pdf. Acesso em: 01 maio 2020.

SOUZA, C. F. S. **Relação afetiva entre professores e estudantes do ensino superior:** sentidos, desafios e possibilidades. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. Disponível em: <https://tede2.uefs.br/8080/handle/tede/383>. Acesso em: 27 dezembro 2019.

SOUZA, C. F. S.; RIBEIRO, M. L. Representações de práticas docentes que afetam negativamente estudantes de Engenharia Civil. **Plures Humanidades**, v. 18, n. 1, p. 158-176, 2017. Disponível em: http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/download/284/236&ved=2ahUKewj9r6_KhsHqAhWCTt8KHTKSBbAQFjABegQIARAL&usg=AOvVaw0sRk51Wsla9Syv7ReSsqbw. Acesso em: 01 jul. 2020.

TEIXEIRA, M. A. P. *et al.* Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicol. Esc.**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 185-202, jun. 2008.

TORRECILLA, F. J. M.; GARRIDO, C. A. M.; CASTILLA, R. H. Decálogo para uma ensañanza eficaz. **Rev. Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio em Educación**, v. 9, n. 1, 2011.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200003&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2020.

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 21/10/2022